

ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA DA PANDEMIA DA COVID-19

Paulo Jonas dos Santos Júnior

Doutorando em Planejamento Regional e Gestão da Cidade pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA). Especialista em História e Cultura do Brasil pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Licenciado em História (ISEIB). Bacharel em Teologia (FAECAD). Docente do Centro Universitário São José de Itaperuna.

Pedro Henrique Caetano Figueira

Graduado em História pelo Centro Universidade São José de Itaperuna-RJ (UNIFSJ).

Silvana Duarte Gonçalves dos Santos

Pós-graduada em Língua Portuguesa (FAFITA); Pós-graduada em Psicopedagogia (UCB); Graduada em Teologia (UNIDA); Graduada em Letras (FAFITA).

Edeson dos Anjos Silva

Mestre em Ciências das Religiões (UNIDA); Graduado em Ciências (FIPH).

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar as recentes pandemias que assolaram a humanidade, e, conseqüentemente, refletir sobre os impactos causados pelas mesmas. Ao longo do texto buscamos, através de fontes bibliográficas, sistematizar os problemas enfrentados pós-pandemia e, por comparação, esboçar os prováveis desenhos que serão vivenciados após a pandemia da COVID-19. Desta maneira, este estudo tem como principal foco analisar os impactos sociais das pandemias já superadas pela humanidade, e, por conseguinte, traçar um paralelo com os problemas enfrentados em meio à crise do coronavírus em 2020. Ao debruçar sobre o assunto foi possível observar que o apoio à ciência e um planejamento econômico bem estruturado podem ser determinantes para que a sociedade supere os efeitos colaterais causados por uma pandemia.

Palavras-Chave: Pandemia, COVID-19, Crise Sanitária.

Abstract: This paper aims to analyze the recent pandemics that have plagued humanity, and consequently, reflect on the impacts caused by them. Throughout the text, we seek, through bibliographic sources, to systematize the problems faced after the pandemic and by comparison, sketch the probable designs that will be experienced after the pandemic of COVID-19. Thus, this study has as main focus, to analyze the social impacts of pandemics already overcome by humanity and to draw a parallel with the problems faced in the midst of the coronavirus crisis in 2020. When looking at the subject it was possible to observe that support for science and well-structured economic planning can be decisive for society to overcome the side effects caused by a pandemic.

Key words: Pandemic, COVID-19, Health Crisis.

Resumen: Este documento tiene como objetivo analizar las pandemias recientes que han afectado a la humanidad y, en consecuencia, reflexionar sobre los impactos causados por ellas. A lo largo del texto, buscamos, a través de fuentes bibliográficas, sistematizar los problemas enfrentados después de la pandemia y, en comparación, esbozar los diseños probables que se experimentarán después de la pandemia de COVID-19. Por lo tanto, este estudio tiene como enfoque principal, analizar los impactos sociales de las pandemias ya superadas por la humanidad y establecer un paralelismo con los problemas enfrentados en medio de la crisis del coronavirus en 2020. Al observar el tema, fue posible observar ese apoyo a la ciencia y una planificación económica bien estructurada puede ser decisiva para que la sociedad supere los efectos secundarios causados por una pandemia.

Palabras clave: pandemia, COVID-19, crisis de salud

I - Introdução

Ao estudar a história humana é natural percorrer um caminho perpassado por guerras, pestes e crises. Desde o início da habitação do ser humano no Planeta¹, os conflitos fazem parte de seu cotidiano, sejam esses dentro de sua própria espécie ou contra espécies diferentes, geralmente a causa desses ocorre pela busca de alimentação e água para a própria sobrevivência. Na pré-história², por exemplo, a disputa pela liderança do grupo resultava em duras mortes.

Com o tempo, as cidades e as nações foram se organizando e as disputas foram se tornando cada vez mais acirradas, o que, conseqüentemente, causou maiores destruições. Entretanto, essa organização das cidades trouxe graves problemas para a humanidade, uma vez que com o crescimento populacional, o índice de contaminação por doenças começou a ser proporcional ao tamanho das sociedades. Inicialmente, é importante pontuar que o problema em si não é o número de pessoas, mas, sim, a escassez de recursos naturais causada pela aglomeração humana.

¹ Cientificamente, o ser humano surgiu no planeta há aproximadamente 300 mil anos (GOFF, 1990).

² Segundo a ciência histórica, o período que antecede a escrita é conhecido como Pré-história. Cabe ressaltar, que a transição da Pré-história para a História ocorreu por volta de 3500 a.C. (GOFF, 1990).

Sabe-se assim, que o uso desordenado do meio-ambiente como a extração de madeira, a caça, a pesca e a poluição dos recursos hídricos, dentre outros fatores resultam em um desequilíbrio que pode causar diversas doenças, com o poder, inclusive, de dizimar um grande número de pessoas, como no caso da Peste Negra³, uma das doenças mais conhecidas da história.

Este artigo tem por objetivo realizar uma retrospectiva das duas últimas grandes crises sanitárias ocorridas em escala mundial, antes da COVID-19, ou seja, a gripe espanhola no século XX e a influenza A(H1N1) no século XXI, e assim, realizar um paralelo histórico-social para com a crise do coronavírus ocorrida no ano 2020 em todo o planeta.

Para este estudo realizamos uma revisão bibliográfica em artigos e publicações especializadas, com a intenção de compreender o assunto de maneira mais aprofundada e acadêmica.

II - A PANDEMIA DA GRIPE ESPANHOLA E DA INFLUENZA A(H1N1)

A primeira metade do século XX foi marcada por uma enorme crise sanitária causada pela gripe espanhola, doença essa que matou pelo menos 20 milhões de pessoas, em um contexto conturbado de uma grande guerra de escala intercontinental⁴ (KLAJMAN, 2015).

O século XX começou em um momento difícil da história, pois um conflito bélico de proporções enigmáticas colocou a humanidade à beira do colapso econômico. Ainda, ao fim da Grande Guerra o mundo começou a se ver em outro problema, pois uma forte gripe começou a ser notificada no estado de Kansas, Estados Unidos da América (MATOS, 2018).

A primeira onda da doença foi branda, com raros casos que se agravaram, e dessa maneira foi possível realizar um controle sanitário efetivo, uma vez que parecia que nada mais sério iria ocorrer. Entretanto, a segunda onda da doença foi muito mais complexa e aterrorizante, pois além de um grau

³ A Peste Negra foi a pandemia com o maior número de mortes de toda a história, seu pico ocorreu entre os anos de 1347 e 1351. Acredita-se que essa pandemia possa ter vitimado cerca de 200 milhões de pessoas (FAUTO, 1994).

⁴ A Primeira Guerra Mundial foi uma guerra de grande proporção que envolveu as principais potências do início do século XX, e ocorreu de 1914 a 1918. Como ela ocorreu basicamente na Europa, alguns historiadores preferem nomeá-la como Grande Guerra (FAUTO, 1994).

de contágio muito alto, a agressividade da doença se mostrava também sobre os mais novos e os de meia idade; essa segunda onda da doença alertou diversas autoridades científicas da época (KLAJMAN, 2015).

A segunda onda da gripe espanhola começara em meados do mês de agosto de 1918 e teve seu pico em outubro. Seu alto grau de contágio fez com que a mesma se espalhasse rapidamente pelo globo, o que refletiu em uma grave crise sanitária e em um aprofundamento da crise econômica nos países que estavam ainda se recuperando da Grande Guerra (KLAJMAN, 2015).

A causa da doença foi um ponto de interrogação, teorias falam de uma possível mutação genética que ocorreu na América do Norte, iniciando como uma doença de suínos, transmitindo para seus tratadores e veterinários. Em 1955, um grupo de cientistas sequenciaram o genoma, mas ainda sim não se sabe onde surgiu o vírus em caráter geográfico (MATOS, 2018).

Em uma análise simplória, porém relevante, estima-se que a gripe espanhola acometeu pelo menos 90% da população mundial ; dados esses números ,compreende-se o agravamento da crise já causada pela Primeira Guerra, porém, ainda mais aprofundada pela pandemia⁵ (MATOS, 2018).

No contexto da grave crise sanitária causada pela doença, as autoridades também enfrentaram a falta de medicamentos e a ausência de estrutura básica para sanar a crise; o resultado dessa série de fatores e acontecimentos fez com que a gripe espanhola se tornasse um dos maiores problemas de nível mundial durante a primeira metade do século XX. Segundo estudos, a gripe espanhola dizimou 2% da população mundial (KLAJMAN, 2015).

Já no século XXI, mais precisamente em 2009, o mundo se viu em mais uma crise econômica⁶, que começara em 2008; entretanto, não apenas a crise financeira iria amedrontar a população mundial, mas também, um “novo” vírus que surgia neste contexto, anunciado pela mídia como uma nova gripe

⁵ Segundo o dicionário Aurélio, Pandemia é a disseminação rápida de uma doença amplamente disseminada (FERREIRA, 2001).

⁶ Durante a primeira década do século XXI, o mundo vivenciou o que alguns pesquisadores chamam de “Grande Recessão”, uma vez que um colapso financeiro no mercado imobiliário dos EUA, desencadeou uma crise econômica de escala mundial (BIERNATH, 2020).

espanhola, iria gerar um grave colapso em diversos países do mundo (MATOS, 2018).

No início do século XXI, surgiu uma mutação genética na H1N1 que possibilitou a transmissão dos porcos para os seres humanos, esse fato trouxe um grande temor por parte da comunidade científica, pois não havia tratamento adequado contra a doença (BIERNATH, 2018). Estima-se que ela tenha alcançado todos os continentes do globo (KLAJMAN, 2015).

A gripe H1N1, por ser uma infecção agressiva, é fruto de uma mutação extremamente radical, causou espanto nas autoridades científica, uma vez que havia um medo de essa doença se tornar uma gripe tão letal quanto a gripe espanhola (CROSBY, 2009).

A doença surgiu próximo de uma fazenda de porcos, no México, e era muito parecida com a gripe espanhola de 1918, fator esse que trouxe um pavor na sociedade científica. Na época, o hemisfério sul começava a entrar no inverno e o aumento de casos por gripe comum era inevitável, porém, junto viria a H1N1 e consigo o medo de não haver leitos, médicos e medicamentos suficientes para atender a demanda e o quantitativo de pessoas infectadas pela influenza (CROSBY, 2009).

A gripe suína⁷ se espalhou rapidamente pelo mundo através do sistema aéreo global e estima-se que a doença chegou a pelo menos 120 países logo nos primeiros meses. No dia 11 de julho de 2009, a Organização Mundial da Saúde - OMS⁸ declarou a H1N1 como pandemia (BARIFOUSE, 2020).

Estudos mais recentes estimam que 24% da população mundial contraiu o vírus, e que a taxa de letalidade foi de 0.4%. Cerca de 500 mil pessoas morreram durante a pandemia da H1N1 ,e ,por fim, a OMS apurou em um de seus relatórios que 214 países tiveram casos da doença (BARIFOUSE, 2020).

⁷ Alcinha dada a Influenza A(H1N1).

⁸ A Organização Mundial da Saúde – OMS – é uma agência de saúde que tem por obrigação orientar os países sobre os riscos de novas doenças ou fiscalizar a saúde pública ou privada das nações que fazem parte da Organização das Nações Unidas - ONU (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020).

A gripe suína foi mais comum entre os jovens, uma vez que esses culturalmente têm por característica o não-sedentarismo, sendo assim saem mais de casa e convivem com aglomerações de pessoas. Desse modo os jovens foram mais afetados do que os mais idosos (BARIFOUSE, 2020).

Todavia, segundo especialistas, a H1N1 é menos transmissível que o novo coronavírus, o que pode indicar a necessidade de reforçar os cuidados perante a pandemia da COVID-19. Entretanto, mesmo com todos os cuidados, pesquisadores acreditam que os números de vítimas da COVID-19 serão maiores que os atingidos pela H1N1 (MATOS, 2020).

III - A COVID-19: História e características

A COVID-19 é uma doença que pertence ao grupo dos coronavírus. O primeiro caso registrado de COVID-19 no mundo, ocorreu em Wuhan, na China. Os cientistas tiveram o primeiro contato com o vírus através de um paciente que apresentava sintomas próximos ao de uma pneumonia comum, porém, de uma agressividade que há muito tempo não se via – em termos de contágio e os sintomas.

O vírus mostrou-se muito parecido com o BatSL-CoVZC45, um vírus oriundo de morcegos que fora coletado em anos anteriores ao surgimento da COVID-19. Esse fato levantou a hipótese de este vírus ter se desmembrado de alguma espécie de morcego da região (GRUBER, 2020). É importante salientar quão fraca é a hipótese de que o vírus surgiu em laboratório, pois, no caso da COVID-19 ou Sars-CoV-2 sabe-se que ocorreu por um surto na feira livre de Wuhan, onde cerca de 50 pessoas foram contaminadas. Entretanto, destas 50 pessoas nem todas tiveram relação com a feira, portanto existem fortes indícios de que houve outras formas de contágio, como o comunitário (GRUBER, 2020).

Outro fato que enfraquece a hipótese de um vírus criado em laboratório é a proximidade da Sars-CoV-2 com o coronavírus encontrado nos pangolins. Pangolim é um animal consumido na China de forma ilegal, tanto sua carne para consumo não é permitida, bem como sua escama para uso na medicina tradicional chinesa; entretanto existem fortes indícios de que os mesmos não

passaram o vírus diretamente para o ser humano, mas obteve um fator de intermédio (GRUBER, 2020). Neste contexto Gruber (2020) esclarece:

É possível que o vírus transmitido a humanos tenha sido um produto quimérico resultante da recombinação entre um vírus próximo ao RaTG12 de morcego e um segundo vírus próximo do vírus de pangolim. Portanto, parece faltar um elo perdido que possa explicar a origem do Sars-CoV-2.

Desse modo, o pesquisador frisa que o vírus em sua integridade não tinha autonomia biológica para transferir-se diretamente de morcegos para humanos ou de pangolins para humanos. O cientista ainda assegura que dessa forma o vírus precisaria encontrar um intermediário para alcançar os seres humanos. Nessa perspectiva, Gruber (2020) contribui:

Estudos de afinidade entre o sítio RBD e ACE2 de diferentes espécies animais têm sido feitos, visando identificar potenciais candidatos a hospedeiros intermediários. Os candidatos seriam possivelmente uma ou mais espécies de animais presentes em mercados chineses, sendo que desses, um dos mais próximos do hamster é o rato de bambu. Esse animal é encontrado em vários países asiáticos, incluindo as regiões central e sudeste da China. Muito populares na culinária chinesa, os ratos de bambu são capturados nos seus habitats naturais ou criados em larga escala em fazendas. Recentemente, Zhong Nanshan, médico chinês que conduziu os esforços contra a Sars entre 2003 e 2004 e lidera o grupo de especialistas contra a covid-19, apontou em [entrevista](#) que o rato de bambu é um provável hospedeiro intermediário do Sars-CoV-2. O pesquisador embasou sua hipótese no fato que o arquipélago de Zhoushan, localizado no leste da China, é o habitat natural de ratos de bambu, morcegos e pangolins, o que teria possibilitado a transmissão viral entre esses hospedeiros antes de sua passagem para o homem.

Certo é que para qualquer hipótese ser comprovada será necessário tempo para a realização de estudos mais apurados, pois trata-se de um vírus muito recente, o qual a ciência se desdobra para encontrar a cura e sanar os pontos de interrogações. Contudo, os reflexos da COVID-19, na sociedade de vários países, tem causado diversos problemas, não apenas na área da saúde, mas também na economia e na política de muitas nações.

A pandemia da COVID-19 expôs a fragilidade do sistema de saúde de vários países, inclusive dentre aqueles considerados como desenvolvidos⁹,

⁹ De acordo com a ONU, um país para ser considerado como desenvolvido deve possuir elevados índices socioeconômicos. Essa classificação leva em consideração fatores como o grau de riqueza, nível de industrialização e desenvolvimento, Produto Interno Bruto, renda per capita e Índice de Desenvolvimento Humano (BERTELLO, 2003).

como no caso da Itália¹⁰ e do Reino Unido¹¹. Além disso, alguns países como os EUA¹² e o Brasil¹³, adotaram um discurso ideológico¹⁴, principalmente no início da pandemia, em que primeiramente assumiram uma postura de minimização ao potencial letal do vírus, e posteriormente acusaram a China de estar tramando uma espécie de conspiração contra a economia do restante do mundo, através da manipulação dessa doença em laboratório; cabe ressaltar que essas posturas resultaram em críticas de várias autoridades sanitárias de todo o mundo e também em uma crise diplomática entre diversos países¹⁵.

IV – Considerações Finais

A crise gerada pela Pandemia da COVID-19 causou além de problemas na saúde pública, diversos desajustes sociais, econômicos e políticos em vários países do mundo. A doença que foi descoberta na China, rapidamente se espalhou para todos os continentes, e vitimou pessoas das mais variadas classes sociais, de ambos os sexos e de todas as faixa etárias.

A COVID-19 não foi a primeira pandemia enfrentada pela humanidade na atualidade, porém a sua rápida propagação e a falta de compreensão inicial

¹⁰ A Itália foi um dos primeiros países da Europa a sofrer com a mortalidade em série provocada pelo coronavírus. A crise enfrentada pela Itália gerou um alerta em países de todo o mundo e serviu como um alerta sobre o índice de periculosidade da COVID-19 (SEVILLANO, 2020).

¹¹ O Reino Unido foi duramente afligido pela pandemia, e inclusive o Primeiro-ministro Boris Johnson foi um dos afetados pela doença e teve de ser internado por uma semana, durante o mês de abril de 2020 (SEVILLANO, 2020).

¹² No mês de julho de 2020 os EUA era o país com maior número de contaminados pelo coronavírus de todo o mundo (MACHADO, 2020).

¹³ No mês de julho de 2020 o Brasil era o sexto país com mais casos de COVID-19 no mundo. A estratégia adotada pelo Governo do Presidente da República Jair Bolsonaro foi alvo de duras críticas por parte de diversas autoridades sanitárias de todo o mundo (MACHADO, 2020).

¹⁴ Desde o anúncio da descoberta da COVID-19 na China, o presidente dos EUA, Donald Trump adotou uma postura oposta a recomendada pela comunidade acadêmica. A princípio, Trump apelou para o negacionismo, ou seja, negava que o vírus fosse real, ou que poderia causar males à humanidade; posteriormente, o Presidente passou a responsabilizar a China pelo surgimento do vírus. Essa atitude de Donald Trump era baseada em um discurso ideológico, que segundo ele, buscava defender o mundo de uma suposta ameaça comunista. Essa postura de Trump foi adotada por Jair Bolsonaro, presidente do Brasil (MACHADO, 2020).

¹⁵ Após meses de tensão política entre os EUA e a China, o mês de julho de 2020 foi marcado por ataques diplomáticos de ambos os lados, uma vez que após o presidente Donald Trump ordenar o encerramento de um consulado Chinês em solo Americano (no dia 22), o país asiático ordenou, no dia 24) o fim das atividades do consulado Norte Americano na cidade de Chengdu, no sudoeste da China (MACHADO, 2020).

sobre a gravidade dessa doença, juntamente com uma disputa ideológica bipolarizada, dificultou o combate ao avanço da doença.

Por fim, foi possível observar que as crises causadas por doenças em escala global transpassam os problemas de saúde, e acabam por atingir a estabilidade social dos países, uma vez que mesmo após o fim do ciclo de contaminação, as nações demoram um tempo considerável para reestabelecerem o equilíbrio social, político e financeiro.

Referências

BARIFOUSE, Rafael. **Como o Brasil foi afetado pela pandemia de H1N1, a 1º do século 21?** Jornal BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52042879>. Acesso em: 23 jun. 2020.

BARRETO, Mauricio Lima; BARROS, Aluisio Jardim Dornellas de; CARVALHO, Marília Sá; CODEÇO, Claudia Torres; HALLAL, Pedro Rodrigues Curi; MEDRONHO, Roberto de Andrade; STRUCHINER, Claudio José; VICTORA, Cesar Gomes; WERNECK, Guilherme Loureiro. O que é urgente e necessário para subsidiar as políticas de enfrentamento da pandemia de COVID-19 no Brasil? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 1-8, maio 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1980-549720200032>.

BERTELLO, Edézia. **Minimanual de Pesquisa: Geografia. Urbelandia:** Claranto, 2003.

BIERNATH, André. **Gripe: quais foram as maiores epidemias da história.** Revista Veja. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/gripe-quais-foram-as-maiores-epidemias-da-historia/>. Acesso em: 23 jun. 2020.

CROSBY, Alfred. **A vacina pode chegar tarde demais.** Revista Época. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI7697115257,00ALFRE D+CROSBY+A+VACINA+PODERA+CHEGAR+TARDE+DEMAIS.html>. Acesso em: 23 jun. 2020.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1994. 639 p. Disponível em: <<https://mizanzuk.files.wordpress.com/2018/02/boris-fausto-historia-do-brasil.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GRUBER, Arthur. **Covid-19: o que se sabe sobre a origem da doença**. *Jornal da USP*. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/covid2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

GOFF, Jacques Le. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

KLAJMAN, Charles. **A gripe sob a ótica da História Ecológica: Um estudo comparativo entre as pandemias de 1918 e 2009**. *História Revista*. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/36909>. Acesso em: 23 jun. 2020.

MACHADO, Isabel Pinto. **OMS/Covid-19: guerra diplomática entre os Estados Unidos e a China**. 2020. Disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/mundo/20200519-oms-covid-19-guerra-diplom%C3%A1tica-entre-os-estados-unidos-e-a-china>. Acesso em: 30 jul. 2020.

MATOS, Haroldo José de. **A próxima pandemia: estamos preparados?** *Revista Pan-Amazônica de Saúde*. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217662232018000300009. Acesso em: 23 jun. 2020.

Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha informativa – COVID-19** (doença causada pelo novo coronavírus). 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 28 jul. 2020.

SEVILLANO, Elena. **Aceleração de contágios na Espanha alarma Europa sobre segunda onda de coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-07-27/acceleracao-de-contagios-na-espanha-alarma-europa-sobre-segunda-onda-de-coronavirus.html>. Acesso em: 30 jul. 2020.